

## A miséria vista como recurso

A revista *Veja* de 23 de janeiro de 2002 tem a miséria como sua reportagem principal. Na capa traz uma foto em branco e preto, incomum para essa publicação, de duas crianças deitadas sobre esteiras. Uma das crianças traz um dedo na boca e um olhar perdido, absorto. A segunda criança tem o corpo recostado sobre a outra. Abaixo delas: MISÉRIA o grande desafio do Brasil \ A pobreza extrema de 23 milhões de brasileiros é uma tragédia que não pode mais ser ignorada.

A reportagem não trata de misérias sobrepostas, mas a fotografia pode nos levar a pensar em camadas de misérias que se articulam. Essa articulação, por mais complexa que seja, cabe num único indivíduo. O miserável acumula em si um conjunto de carências, sintetiza um composto de fracassos. Está mal na saúde, na educação, na alimentação, no lazer, no emprego, na política, na habitação. E quando é representado

unitariamente parece ser o único responsável por essa espécie de sorte ou maldição, além disso, é mostrado de modo fracionado: é o menino que não frequenta a escola, como deveria; é o homem que não trabalha; a menina que se prostitui; é um corpo crivado de balas, estendido no chão de uma favela brasileira.

A miséria mostrada, normalmente, através de ocorrências individualizadas soa como problema particular. Mas quando a mídia nos diz da existência de 23 milhões de miseráveis no Brasil, fica claro que cada problema embalado, diariamente, como cápsula, pelas agências midiáticas é a manifestação particularizada de uma regra geral. Isto explica, ao menos em parte, o sucesso dos gêneros midiáticos que têm como matéria-prima a miséria. Trata-se de uma fonte inesgotável de recursos que são cedidos gratuitamente para a construção do “show da realidade”.